

A BÍBLIA COMO LITERATURA: VIRGINDADE E VIOLAÇÃO FEMININA

Milena Araújo Marães¹

RESUMO: Desde os tempos antigos, a mulher é vista como ser secundário, que deve saber se portar, ser virgem antes do casamento, dona de casa e genitora; fora desse padrão, a mulher não é considerada digna. Nossa proposta ao falarmos sobre *virgindade e violação feminina*, recorrendo à Bíblia como Literatura, vem contra a mentalidade masculina que, ao longo de muitos anos, permitiu ao homem afirmar-se como proprietário da virgindade feminina – aquilo que o pai deve preservar para entregar ao marido. Sendo assim, trazemos um estudo comparado e residual acerca dos temas *virgindade e violação feminina* na Bíblia (por meio das personagens Dina e Tamar) e na Literatura Brasileira (por meio das protagonistas de *Lucíola e Iracema*). Nosso estudo sobre o passado permite refletir como a virgindade, ainda hoje, pode ser tabu.

Palavras-chave: Virgindade; Violação; Honra; Bíblia; Literatura Brasileira.

ABSTRACT: Since olden times, women are seen as a secondary being who must know how to behave, keep untouched before marriage, be a housewife and a genitor. Because of these standards, women weren't considered worthy. Our proposal while talking about Virginitly and Female Violation, appealing to the Bible as a Literature, comes against the male mindset that, along the years, allowed man to claim himself as the owner of the female's virginitly – something a father should look after and then hand over to the husband. Thus, we brought a comparative and residual study about the themes Virginitly and Female Violation between the Bible (Dina and Tamar) and the Brazilian Literature (through the protagonists of *Lucíola and Iracema*) Our research about the past provides a reflection to us on how virginitly, even nowadays, is still a Taboo.

Keywords: Virginitly; Violation; Honor; Bible; Brazilian Literature.

¹ Formanda do curso de Letras- Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas, professora de língua portuguesa em Manaus, escritora de contos e pesquisadora na área de Literatura e de Linguística na Universidade Federal do Amazonas. Contato: milena.maraes.12@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna, o pensamento sobre a mulher mantém muitos resquícios da sociedade bíblica e da sociedade medieval, como afirma Raphael Leal e Flávio Cabral: “Carregamos em nossa bagagem cultural e praticamos sem perceber muitos dos usos e costumes medievais” (2010, p.3). Dentre esses resíduos, destacamos o tabu virgindade, como afirma Benvinda Lavrador: “Sabida a importância da virgindade e da fecundidade como elementos definidores da identidade feminina” (2014, p. 103).

Optamos por uma análise residual de como a virgindade feminina é um critério de honra, uma garantia de casamento; a mentalidade de que o homem, ao longo de muitos anos, se compreendeu e, portanto, se afirmou proprietário da virgindade feminina, aquilo que o pai deve preservar para entregar ao marido; também investigamos sobre a violação feminina. Yvonne Knibiehler, no livro *História da Virgindade*, nos diz: “A virgindade feminina era preciosa aos olhos dos homens, porque assegurava a supremacia masculina: era o esposo que deflorava sua esposa e a transformava em mulher, em mãe; em outra” (2016, p. 25). E, se violada, a mulher perdia seu lugar na sociedade. Mesmo que essa defloração fosse por seu futuro marido.

Buscando sobre os aspectos que constroem a máxima da mulher virgem como uma mercadoria de valor quando dada em casamento pelo pai, trazemos, assim:

1. Na Bíblia: os episódios de Dina e Tamar – quando Dina é violada por Siquém; e Tamar, por Amnon –. Destes é possível constatar como era a visão feminina sobre sua integridade moral e a visão masculina (da sociedade patriarcal). Fazemos a leitura dos eventos bíblicos numa perspectiva acadêmica e literária, não em uma perspectiva religiosa, como afirma Anderson Lima (2015, p. 29): “Ler a Bíblia como literatura é um modo de abordar essa obra clássica de uma nova perspectiva, mediada não por pressupostos religiosos, mas por pressupostos acadêmicos desenvolvidos por teóricos da literatura”.

2. Na Literatura Brasileira, identificamos dois livros, *Lucíola* e *Iracema*, duas protagonistas – Lúcia e Iracema – enquanto mulheres subjugadas ao patriarcado, como herança da mentalidade bíblica, que atravessou a Idade Média e chega às Idades Moderna e Contemporânea. A mentalidade que permanece é a de que uma mulher desonrada (não virgem), segundo Buriti (2012), ofendia à autoridade paterna, às normas estabelecidas pelo

discurso cristão medieval quanto ao casamento e ao batizado, à reputação pública da família, a sua própria integridade moral, ao patrimônio familiar, ao Estado.

Para abordar esse problema nascido no passado e presente na cultura ocidental moderna, tomamos por base a teoria da *Residualidade Literária e Cultural*, de Roberto Pontes (1999, 2006) e Elizabeth Dias Martins (2011, 2012); estudos sobre a Bíblia como literatura; estudos sobre Iracema, Lucíola e Aurélia Camargo, de José de Alencar; estudos sobre o casamento; e *História da virgindade*, de Yvonne Knibiehler (2016).

Alguns termos são, portanto, recorrentes neste trabalho, os quais assim compreenderemos:

RESÍDUO: “É aquilo que remanesce de uma época para a outra e tem a força de criar de novo toda uma obra, toda uma cultura. É dotado de um extremo vigor, não se confunde com o antigo. É aquilo que resta de uma cultura” (PONTES, 2006, p.3).

MENTALIDADE: “É a memória coletiva de uma época, pode ser vista por intermédio dos resíduos” (PONTES, 2006, p.5).

CASAMENTO: “ É um sacramento” (AMARAL, 2011, p.6).

HÍMEN: “Apenas as mulheres foram providencialmente agraciadas [*and blessed with*] com um hímen, guardião de sua castidade; vestíbulo de seu santuário” (BOURDIEU, 2012, p.24).

VIRGEM: “Era a condição *sine qua non* para legitimar e comprovar sua honra e boa fama da mulher ” (MATOS; ABRANTES, 2013, p.9).

VIRGINDADE: “Enquanto um valor moral foi tratada como uma questão de honra familiar, entre as famílias de elite, com o propósito, sobretudo, de união conjugal; símbolo da honestidade social das mulheres solteiras” (MATOS; ABRANTES, 2013, p.1).

VIOLAÇÃO: “Equivale a um roubo, uma espoliação. A agressão atenta contra a honra de todos os que não souberam defender um bem tão precioso: pai, irmãos, família” (KNIBIEHLER, 2016, p.113).

DOMINAÇÃO: “Poder exercido em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado” (BOURDIEU, 2012, p.51).

1. A BÍBLIA COMO LITERATURA

Segundo Anderson Lima, foi a partir de 1970 que a expressão “ler a bíblia como literatura” surgiu. No entanto, no Brasil, só na década de 1990. Essa afirmação se deu com várias vertentes de estudo, principalmente a do teólogo Jonh Edgar MacFadyen, o qual

analisou a bíblia como literatura, compreendendo seu modo peculiar de lidar com questões profundas da existência humana, seu valor moralizante e o poder inspirador de suas histórias e personagens. Outros compararam trechos da bíblia a obras literárias altamente reconhecidas, o que elevou a bíblia ao mesmo nível, mas isso mudou depois de um tempo.

Para entender a visão que se tem atualmente da bíblia, é necessário compreender o que é literatura. Para a definição de Literatura, devemos diagnosticar o modo como ela é vista por quem lê e opina. Esse olhar e essa opinião acabam por vir da sociedade elitista, uma visão preconceituosa que separa literatura alta e baixa, a erudita e a popular, literatura de proposta e a literatura de entretenimento, ou seja, a definição não depende da estética e sim do olhar.

A sociedade elitista toma a autoridade e elege cada título conforme seu gosto e o transmite por meio das instituições responsáveis pela produção da literatura nacional.

Muitos acreditam que a obra só é literária se ela carregar um valor ficcional, senão, ela é de produção historiográfica. Contudo, o crítico Terry Eagleton negou essa asserção, mostrou que houve textos historiográficos que depois passaram a ser lidos como mitologias, outros nasceram como fábulas e romances, em seguida se tornaram grandes fontes de pesquisa historiográfica. Conclui-se que não é o valor ficcional que torna uma produção literária ou não.

A outra tese foi que literatura é aquela que causa estranhamento ou desfamiliarização, ou seja, humaniza ou salva. Eagleton rejeitou essa hipótese com a seguinte afirmação: “Uma definição de literatura como fonte de humanização não se sustenta diante do fato de que há gente muito boa que nunca leu um livro e gente péssima que vive de livro na mão” (2006, p. 83, *apud* LIMA, 2015, p. 15).

Por fim, a última hipótese que muitos acreditam, até hoje, é que a Literatura é um objeto autorreflexivo e estético, ou seja, causam sensações especiais no leitor, o que não são causadas por outras produções textuais. Eagleton rebate essa hipótese, diz que o prazer na leitura de um livro depende mais do leitor do que da obra em si.

Lima afirma que Eagleton não foi capaz de revolucionar o modo como a Crítica Literária avalia a literatura, ao menos contribuiu com várias hipóteses, como esta: “O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a

despeito do que o seu autor tenha pensado”. (EAGLETON, 2006, p. 13, *apud* LIMA, 2015, p. 16).

Logo, não são as características internas que avaliam a obra como literária, sim, o espaço que a crítica literária lhe destina.

Antonio Candido (2009) afirma que cada obra nasce dentro de um sistema social concebido, isto é, cada autor produz sua obra para que viva em determinado sistema. Todavia, aceitação do título e da sua permanência não dependerá apenas das suas características estéticas, mas, principalmente, da aprovação por parte do público leitor, da crítica especializada (formada por um grupo minoritário de elitistas) e da relação positiva do autor com as instituições responsáveis pela mediação de autor e público.

Tomando como base esses conceitos, segundo Lima, a Bíblia é uma obra que sempre fez parte do cânon literário, nunca deixou de ser literatura. Apesar disso, o fato de a Bíblia ser considerada como fonte de única verdade, impede que ela seja vista como objeto de estudo científico, como afirma Alter:

Uma razão óbvia para a ausência de interesse científico na análise literária da Bíblia reside no fato de que, ao contrário da literatura grega e latina, a Bíblia foi considerada durante muitos séculos, por cristãos e judeus, como fonte primordial e única da verdade divina revelada. Essa crença ainda tem influência profunda, tanto naqueles que a refutam como naqueles que a perpetuam. (2007, p. 34, *apud* Lima, 2015, p. 22)

Para alguns pesquisadores, inclusive no Brasil, não se estuda a Bíblia, ao não ser em contexto sagrado. Mesmo que seja incluída em cânon literário, ela fica protegida por uma cultura religiosa.

Logo, ler a Bíblia como literatura, indica incluí-la em um novo sistema literário e analisá-la com uma nova perspectiva, sem preceitos religiosos, e sim um olhar acadêmico com propósitos desenvolvidos por teóricos da literatura, como afirma Jeanie C. Crain: “Ler a Bíblia como literatura se resume a certa maneira de ler – ler no contexto das categorias e disciplinas da literatura – para entender melhor ou lançar luz sobre suas palavras” (2010, p. 29, *apud* LIMA, 2015, p. 15). Vale ressaltar que, ao fazer um estudo somente com olhar acadêmico, não descarta a visão religiosa, visto que fazemos a leitura a partir dela, mesmo que não haja concordância por parte de quem desenvolve o estudo.

2. A HISTÓRIA DA VIRGINDADE

Para abordar sobre a história da virgindade, baseando-nos na explicação de Yvonne Knibiehler (2016) a respeito do tema, é necessário, primeiramente, entender sobre o substantivo “virgem (*vierge*)”, designa unicamente a menina púbere, o menino é “donzelo (puceuau)”. Para a menina, o primeiro ato sexual completo é uma “defloração”, que deixa marcas em sua vagina; para o menino, é uma “iniciação”, que não altera o seu pênis.

Conforme Yvonne Knibiehler (2016), a história da virgindade começa com a sociedade grega, a qual acredita na virgindade feminina como fenda do corpo feminino e um privilégio essencial da feminilidade, além de ter uma significação simbólica, pois quem era “intacta” tinha a capacidade de acolher as mensagens divinas. Outro aspecto importante a destacar é que, após os ritos do casamento, isso inclui a defloração feminina, há uma passagem da situação de menina à de mulher, não apenas para aquelas que vivenciam, mas também para as famílias e para a cidade. Um homem devia desposar uma virgem para assegurar a autenticidade de sua progenitura, para saber quais crianças eram seus filhos, para que as crianças soubessem quem era o seu pai; para perpetuar uma linhagem, transmitir de pai para filho uma herança biológica (o sangue), um nome, bens e poderes. As mulheres tinham como modelo a ser seguido as três deusas virgens: Atena, divindade protetora das cidades, da sabedoria e das artes; Artêmis, deusa ligada à caça; e Héstia, deusa do lar, da família e da arquitetura.

Já na Era de Cristo, o exemplo da virgem Maria é evocado pelos pregadores e escritores, a virgindade traz um elevação moral e identidade às filhas de Eva, que eram vistas como o motivo de fazerem os homens cair no pecado da concupiscência. Logo, surgem grupos de mulheres que decidiram se separar do mundo para viverem reclusas em comunidade, submissas a regulamentos, eram conhecidas como esposas de Cristo, mais tarde, serão chamadas de “monjas”.

Depois de Cristo, o apóstolo Paulo de Tarso prega um novo ensinamento às comunidades e às sinagogas, a invenção da carne, no qual o apetite sexual e sua prática fora do casamento é um pecado horrendo, desagrada ao coração de Deus. A virgindade passa a ser vista como uma graça, uma bênção, uma virtude celeste, por isso, em grande parte de suas cartas, na Bíblia Sagrada, conhecidas como cartas paulinas, o conselho às igrejas é que se afastem da imoralidade sexual: “Vocês fazem parte do povo de Deus; portanto, qualquer tipo

de imoralidade sexual, indecência ou cobiça não pode ser nem mesmo assunto da conversa entre vocês” (A BÍBLIA SAGRADA, Efésios 5:3). Devido a isso, nos escritos teológicos, a virgindade consagrada aparece como elevação moral e a salvação de todo o gênero humano.

O termo hímen, pelo menos nos tempos grego e romano, não faz nenhuma alusão a uma membrana vaginal, ainda que a palavra Himineu evoque o casamento, como no carmina *Os Jovens*, do poeta latino Catulo: “Ó Hímen, ó Deus do Himeneu, vem, ó Hímen, ó Deus do Himineu” (NOVAK; NERI, 2003, p. 23). Esse clamor acompanha o cortejo que conduz a noiva até a casa do seu esposo. A palavra hímen só entrará de fato em uso com o significado que conhecemos hoje a partir do século XV sob a pena do médico e humanista Michele Savonarola, o qual explica que a vagina é protegida por uma membrana delicada chamada hímen, e rompida durante o ato sexual resultando em um pouco de sangue.

No início do século XIX, surge uma nova designação para as jovens que demoravam a casar, o que permanece até os dias de hoje, é a condição de “moça”, o título dá a elas o dever de se guardarem até o casamento.

Apenas no fim do século XIX, com as ideias republicanas, houve a dessacralização da virgindade feminina, mas com muita resistência por parte da sociedade e autoridades (principalmente a Igreja) da época. Sua reviravolta aconteceu a partir das décadas de 1960 e 1970 com o aprimoramento da medicina e o feminismo.

3. VIRGINDADE E VIOLAÇÃO FEMININA: DA BÍBLIA À LITERATURA BRASILEIRA

Para o entendimento desses conceitos na literatura, é necessário analisá-los separadamente. Segundo o dicionário Michaelis, virgindade significa estado ou condição de quem é de virgem, condição do que está mantido intacto, postura que revela castidade, estado de quem se encontra sem atividade sexual; já violação significa tratamento desrespeitoso dado a algo ou a alguma pessoa que merece profunda derênia, submissão de alguém a um ato sexual, contra a sua vontade, estupro, desrespeito ao direito alheio.

O significado que nos interessa de virgindade é a postura que revela castidade, enquanto o de violação é a submissão de alguém a um ato sexual, contra sua vontade, o estupro.

Do primeiro, é importante entender que castidade quer dizer pureza. Logo, toda mulher virgem é mulher pura/casta, pois Yvonne Knibiehler (2016) afirma que a vagina é considerada um objeto sagrado. Mesmo nos dias de hoje, embora pareça uma contradição ou retrocesso, no casamento por amor, com mulher alcançando destaque no meio social, a virgindade ainda é uma questão de honra para ela, pois a torna moral e de família, casta, caso contrário, é considerada impura e a desonra de sua família, esse paradigma se estende desde a era antes de Cristo até os nossos dias, como alegado por Matos e Abrantes:

O casamento por amor, cada vez mais incentivado socialmente, representava um sinal de individualização de homens e mulheres. Dessa maneira, a valorização dada à virgindade feminina era uma forma das famílias, especialmente as de elite, de zelarem pelo status e posição na sociedade de acordo com os valores morais vigentes, ao mesmo tempo em que exerciam um controle sobre o corpo dessas mulheres. (2013, p. 3).

Do segundo, é importante para a análise das personagens mulheres nas obras literárias escolhidas. Todas eram virgens, contudo, a sua castidade foi violada por homens, dentre algumas, houve o estupro. O fato de o homem se sentir atraído por mulheres virgens, de fazer de tudo para ser o primeiro homem a romper o hímen – se alguns não conseguem por amor, tentam pela violência – ocorre porque o faz se sentir homem de verdade, ratifica sua virilidade, visto que esse ideal é imposto pela sociedade. Desde sua fase pueril, o homem é ensinado a namorar muitas meninas, a levar o título de garanhão, não ser virgem, do contrário, é intitulado como “gay”, “bicha”, “boiola”, “fraco” entre outros adjetivos, isso é atestado por Bourdieu:

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levada por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. [...] Práticas como, por exemplo, os estupros coletivos praticados por bandos de adolescentes – variante desclassificada da visita ao bordel, tão presente na memória dos adolescentes burgueses -, têm por finalidade pôr os que estão sendo testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade da sua violência. (2002, p. 32).

Como a sociedade impôs esse modelo que mulher para casar é mulher virgem, e, para o homem, tanto faz ser ou não virgem, os episódios de violação levam as personagens ao desespero, pois sabiam que, perante a sociedade, seriam intituladas mulheres impuras, que

não serviriam para serem mulheres de família, que seu destino seria o inferno ou sofreriam grandes castigos da parte de Deus. Nas palavras de Matos e Abrantes:

A virgindade, por conseguinte, era condição de *sine qua non* para legitimar e comprovar sua honra e boa fama da mulher, possibilitando ao marido, caso descobrisse, que sua esposa não fosse mais “pura, virgem”, para a união, poderia este, sobre respaldo do código civil, solicitar a anulação do casamento. (2013, p. 9).

Dessa forma, temos duas personagens virgens bíblicas: Dina e Tamar. A primeira, filha de Jacó, um dos homens mais ricos de Israel, foi estuprada pelo príncipe Siquém, filho de Hamor, o heveu – relato do livro de Gênesis, capítulo 34 –. A segunda, filha do rei Davi, um dos reis mais poderosos de Israel, foi estuprada pelo seu irmão Amnom – relato descrito no segundo livro de Samuel, capítulo 13 –. Aqui temos dois fatos comuns: o estupro e a desonra que se tornaram a identidade de ambas, visto que na cultura judaica nenhum casamento deveria começar com um estupro; além disso, um dos princípios do Torá² é que o esposo despose sua esposa (a moça virgem) no casamento, caso ele não a encontre virgem, pode ser devolvida ao pai, um dos sinais que detectava se a moça era virgem é a mancha de sangue no lençol: “E no lugar de julgamento na praça pública mostrarão o lençol com manchas de sangue que provam que a moça era virgem quando casou” (A BÍBLIA SAGRADA, Deuteronômio 22:14).

Por isso, a vingança dos irmãos de Dina contra o povo heveu, o príncipe Siquém e o rei Hamor, pois, segundo Knibiehler (2016), era a forma de os homens resolverem os casos de violação:

Siquém viu Dina, achou-a tão atraente, que se apaixonou por ela e procurou fazer com que ela o amasse, **pegou-a e forçou-a a ter relações com ele**. Jacó ficou sabendo **que Siquém havia desonrado a sua filha**. Quando os filhos de Jacó chegaram do campo e souberam, ficaram indignados e furiosos, pois Siquém havia feito uma **coisa vergonhosa** em Israel, **desonrado a filha de Jacó**. Isso era uma coisa que não se devia fazer. Mas Hamor lhes disse: – O meu filho Siquém está apaixonado pela filha de vocês. Eu peço que vocês deixem que ela case com ele. Fiquemos parentes; nós casaremos com as filhas de vocês e vocês casarão com as nossas. Fiquem aqui com a gente morando na nossa região. Compre terras onde quiserem e façam negócios por aqui.

Depois Siquém disse ao pai e aos irmãos de Dina:

Façam este favor para mim, e eu lhes darei o que quiserem. Peçam os presentes que quiserem e digam quanto querem que eu pague pela moça, mas deixem que ela case comigo.

² Conhecido também como Pentateuco, é o conjunto dos primeiros 5 livros da Bíblia: Gênesis, Exôdo, Levítico, Números e Deuteronômio, contém os dez mandamentos e as leis judaicas.

Como **Siquém havia desonrado a irmã deles**, os filhos de Jacó foram falsos na resposta que deram a ele e ao seu pai Hamor. Eles disseram assim:

- Não podemos deixar que a nossa irmã case com um homem que não tenha sido circuncidado, pois isso seria uma vergonha para nós. Só podemos aceitar esta condição: que vocês fiquem como nós, quer dizer, que todos os seus homens sejam circuncidados. Aí, sim, vocês poderão casar com as nossas filhas e nós casaremos com as filhas de vocês. Nós viveremos no meio de vocês e seremos todos um povo só. Mas se vocês não aceitarem a nossa condição e não quiserem ser circuncidados, nós iremos embora e levaremos nossa irmã.

Hamor e seu filho Siquém foram até o portão da cidade, onde eram tratados os negócios, e disseram aos moradores da cidade:

- Essa gente é amiga. Vamos deixar que eles fiquem morando e negociando aqui, pois há terras que chegam para eles. Nós poderemos casar com as filhas deles e eles poderão casar com as nossas. Mas eles só concordam em viver entre nós e se tornar um só povo com a gente se aceitarmos esta condição: todos os homens precisam ser circuncidados como eles são. E será que não ficaremos com todo o gado deles e com tudo o que eles têm? É só aceitarmos a condição e eles ficarão morando entre nós.

Todos os homens maiores de idade concordaram com Hamor e com o seu filho Siquém e foram circuncidados.

Três dias depois, quando os homens sentiam fortes dores, dois filhos de Jacó, Simeão e Levi, irmãos de Dina, pegaram as suas espadas, entraram na cidade sem ninguém notar e mataram todos os homens. Hamor e Siquém também foram mortos. Em seguida, Simeão e Levi tiraram Dina da casa de Siquém e saíram. Depois da matança, os outros filhos de Jacó roubaram as coisas de valor que havia na cidade **para se vingar da desonra da irmã** (A BÍBLIA SAGRADA, Gênesis 34: 3, 5-27, grifo nosso).

Assim também, temos a vingança de Absalão, irmão de Tamar e meio-irmão de Amnom, contra Amnom; e como sinal de desonra, Tamar rasgou seu vestido, colocou cinzas na cabeça e saiu gritando pelas ruas e cobrindo o rosto com as mãos, além de viver sozinha pelo resto da sua vida.

O episódio da violação:

Então ela levou os bolos para ele. Quando os ofereceu a Amnom, ele a agarrou e disse:

- **Deite comigo**, minha irmã!

Porém ela respondeu:

- Não meu irmão! **Não me obrigue a fazer isso!** Não se faz uma coisa dessas em Israel. Não faça essa loucura! **Como eu poderia aparecer depois disso diante dos outros?**

Ele a forçou e teve relações com ela. Depois **teve nojo dela e a odiou** mais do que tinha amado antes.

Então o empregado pôs Tamar para fora e fechou a porta. Ela estava usando um vestido longo, de mangas compridas - **a roupa que as princesas solteiras usavam naquele tempo.** **Aí pôs cinza na cabeça, rasgou o vestido, saiu gritando, cobrindo o rosto com as mãos.**

Assim Tamar ficou **vivendo triste e sozinha** na casa de Absalão.

Absalão não disse nenhuma palavra a Amnom, **mas ficou com ódio dele porque havia forçado a sua irmã Tamar.**

[...] Dois anos depois, Absalão estava cortando das suas ovelhas em Baal-Hazor, perto da cidade de Efraim, e convidou todos os filhos do rei para irem até lá. Ele foi falar com o rei Davi e disse:

Meu rei, eu estou cortando a lã das minhas ovelhas. Gostaria que o senhor e os seus funcionários também fossem até lá.

Davi respondeu:

- Não, me filho. Se todos nós fôssemos, daríamos muito trabalho a você.

Absalão insistiu, mas o rei não quis ir e lhe disse que podia ir embora.

Mas Absalão disse:

- Está bem. Então deixe que pelo menos o meu irmão Amnom vá.

- Por que motivo ele iria com você? – perguntou o rei.

Mas Absalão continuou a insistir, até que por fim Davi deixou que Amnom e todos os seus outros filhos fossem.

Absalão preparou um banquete de rei e deu as seguintes instruções aos seus empregados:

- Prestem atenção em Amnom. Quando ele estiver bêbado, eu darei uma ordem, e vocês o matarão. Não tenham medo, pois a responsabilidade será minha. Sejam corajosos e decididos!

Os empregados mataram Amnom como Absalão havia mandado. (A BÍBLIA SAGRADA, 2 Samuel 13:10-19, 22-29, grifo nosso).

De outro lado, temos a Literatura Brasileira, no início do século XIX, período que surge o Romantismo em meio ao agitado cenário mundial devido às grandes mudanças ocasionadas por dois eventos históricos: Revolução Industrial e Revolução Francesa, o que também marca profundamente a literatura da época.

Nesse contexto, identificamos em José de Alencar um nome que “abraça” no Brasil todas essas mudanças. Sobre seus três perfis femininos: “Iracema, Lúcia e Aurélia Camargo”; sobre elas, é correto afirmar:

Elas representam moças, de certa forma, frágeis, que ilustram a literatura brasileira: Iracema mostra a mulher “índia”, a “virgem dos lábios de mel” cuja virgindade se relaciona ao Segredo da Jurema; Aurélia Camargo, a “estrela que raiou no céu fluminense”, com sua ação condicionada pelo dinheiro – mola propulsora da sociedade; e Lucíola, “a imagem verdadeira da mulher que no abismo da perdição conserva a pureza da alma”, em que a questão social se relaciona à decadência física e moral. (SOUZA, 2009, p. 1)

A escolha das personagens se deu devido as suas relações com o contexto romântico, valores morais e intelectuais da época. Nesse cenário, os homens são os heróis românticos, as mulheres são comparadas a seres celestiais, são apenas idealizadas, não são donas de suas atitudes e desejos, a sociedade é totalmente patriarcal. Dentro do Romantismo, essas mulheres alencarianas são diferentes de todas as outras, são donas dos seus desejos e suas ações; nas obras, são elas que tomam a iniciativa de amar, de apaixonar-se, de se entregar sexualmente ou não, de se submeterem ou não a um casamento apenas de aparência para manter o modelo familiar da época.

Logo, é necessário fazer a linha do tempo da publicação destas obras: *Lucíola* (1862), *Iracema* (1865) e *Senhora* (1875). São obras que não seguem uma sequência “cronológica” em relação ao lugar da mulher na sociedade romântica; visto que, se assim fosse, *Iracema* deveria ser a primeira obra publicada e não *Lucíola* – o que nos parece é que elas têm o objetivo de mostrar a mentalidade da sua época, e não seguir uma ordem cronológica. De acordo com Souza (2009), José de Alencar coloca em primeiro plano, *Iracema*, a virgem, na mata virgem; em segundo, está Aurélia, independente, representa as relações amorosas e o quanto era importante o dote na época; por fim, Lúcia, também independente, é dona de suas vontades e desejos, no entanto, vista com maus olhos pela sociedade patriarcal da época.

Apesar dos focos sociais que as obras expõem aos leitores, há algo em comum entre as três: a virgindade. *Iracema* leva sua tribo à guerra e morre drasticamente por quebra do princípio da virgindade ao deus Tupã; Lúcia, por ser prostituta, é caracterizada como “impura”, sofre duras consequências por meio de uma doença que a encaminha à morte; e Aurélia “vale ouro” devido ser uma mulher virgem.

Para fins de análise, escolhemos Lúcia, da obra alencariana *Lucíola*, que apresenta o paradigma dessa sociedade: a virgindade como questão de honra. Ao pedir ajuda financeira ao seu vizinho, posto que seus pais estavam doentes da febre amarela de 1850, não via outra saída ao não ser implorar a Couto que, em troca, tentou violá-la. Lúcia lutou contra ele, na primeira vez, e saiu correndo. Ao tratar desse assunto com Paulo, diz:

Ele tirou do bolso algumas moedas de ouro, as quais me precipitei, pedindo-lhe de joelhos que mais desse para salvar minha mãe; mas senti os seus lábios que me tocavam, e fugi. Oh! Não posso contar-lhe que luta foi a minha: três vezes corri espavorida até à casa, e diante daquela agonia sentia renascer a coragem, e voltava.

Não sabia o que seria esse homem; **ignorava então o que é honra e a virtude da mulher o que se revoltava em mim era o pudor ofendido.** (ALENCAR, 1977, p. 93, grifo nosso)

O fato de ela precisar de dinheiro, fez com que voltasse àquele homem, o qual começou a violá-la; tinha certeza que tinha perdido sua honra e virtude, afinal, não tinha mais sua virgindade. Além disso, a fala de Paulo nos deixa claro que, a mulheres como Lúcia, Deus não dá família, não são dignas disso, o seu destino é sofrer consequências ruins por não serem virgens: “Almas como as de Lúcia, Deus não dá duas vezes à mesma família, nem as crias aos pares, mas isoladas como grandes astros destinados a esclarecer uma esfera.” (ALENCAR, 1977, p. 110).

A visão de Lúcia sobre ela mesma é uma visão de desonra:

“Hoje depois de cinco anos de infâmia, sinto que não teria a coragem de **profanar a castidade** de minha alma” (ALENCAR, 1977, p. 96, grifo nosso).

“Não sabia o que queria esse homem; ignorava então o que é **a honra e a virtude da mulher**” (ALENCAR, 1977, p.93, grifo nosso).

“E podemos nós **ser amadas** de outro modo? Como? Arrependendo-nos, e rompendo com o passado?” (ALENCAR, 1977, p.69, grifo nosso).

Dentro desse mesmo raciocínio, inserimos outra obra alencariana – Iracema –. Nesta nos é apresentada a mulher que sofre as consequências por desobedecer a uma ordem superior, Deus Tupã. Essa desobediência se refere ao ato de ter se entregado a um homem, perdido sua virgindade. Em consequência, teve seu filho debaixo de dor e morreu de forma trágica, assim como aconteceu com Eva no jardim do Éden – não morreu, mas foi expulsa do Paraíso e recebeu uma maldição: ao procriar, teria dor, só pelo fato de desobedecer à ordem de um superior que também é do sexo masculino -. Vejamos que a mulher sempre é inferior ao homem, e, caso o desobedeça, sofrerá as consequências, ela não pode viver seus prazeres.

“Iracema curte dor, como nunca sentiu; parece que lhe **exaurem a vida**; mas os seios vão- se intumescendo; apoiaram afinal, e o leite, ainda rubro do sangue de que se formou, esguicha. Caiu desfalecida contra o esteio” (ALENCAR, 1977, p. 86, grifo nosso).

“A Jandaia cantava ainda no olho (parte central) do coqueiro; mas **não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passa sobre a terra**” (ALENCAR, 1977, p. 90, grifo nosso).

Apesar das histórias dessas mulheres estarem em épocas bem distantes e diferentes, pois Dina e Tamar pertencem à Era antes de Cristo; já Lúcia e Iracema pertencem ao século XIX, é possível afirmar que a mentalidade das duas épocas é semelhante e os resíduos literários das narrativas se constroem na crença no que concerne à virgindade: é uma desonra não ser virgem, ter a alma casta é ser virgem, mulheres violadas são indignas do matrimônio, toda mulher desposada indevidamente sofrerá as consequências. Tudo isso remanesce da época antes de Cristo, o jovem poeta Catulo já denunciava em seus poemas, posto que virgindade era moeda de troca entre as famílias:

A tua virgindade não é inteiramente tua.
Uma parte é de teus pais:
um terço pertence a teu pai,
um terço foi dado a tua mãe;
somente um terço a ti pertence.
Não resistas a estes dois que entregaram a seu genro
os seus direitos juntamente com o dote. (NOVAK; NERI, 2003, p.25)

E segue até o século XIX. Ao se tratar dos dias atuais – há uma quebra proposital nos resultados desta pesquisa–, pois as situações recorrentes não estão fixadas ao texto literário, e, sim, a situações reais. Por exemplo, no Líbano, as mulheres são tidas como propriedade dos homens; além disso, notícias jornalísticas como: uma jovem brasileira chamada Ingrid leiloou sua virgindade, foram treze homens inscritos, sendo oito deles brasileiros, ofereceram quantias de US\$ 1 a US\$ 255 mil (R\$ 510 mil) pela virgindade de “Catarina” (pseudônimo de Ingrid), outras três colocaram à venda, apesar dos motivos recorrentes da venda serem pagar faculdade e ajudar a família, afirmaram que era algo de mais valioso que tinham; prostitutas, no Taiwan, compram bolas de algodão com sangue em clínicas, para que, no ato sexual, elas sangrem, a fim de que o cliente pense que são virgens, e cobram mais caro por isso. Além disso, algumas perguntas feitas por mim a homens a fim saber a opinião sobre quem deveria casar virgem, se era o homem ou a mulher, a frase mais falada: “Ah, a mulher. Precisamos da preciosidade intacta, né? Precisamos que esteja zerada”. Quando questionados a respeito de o porquê não se guardarem para a esposa até o casamento, responderam que o caso deles é diferente, eles são homens. Dessa forma, é possível pensar que a mentalidade cristalizada é de que os homens desejam desposar virgens, ou pelo menos, querem que elas esperem até o

casamento para “ser somente deles”, enquanto eles podem viver quantas experiências sexuais quiserem.

Muitas mulheres ainda são ameaçadas verbalmente ou pressionadas, de alguma forma, seja pela família, amigos ou namorados para “manter” esse status. Talvez, a sociedade não tenha evoluído quanto parece, “ainda o hímen guarda para as moças o valor de um documento de identidade” (KNIBIEHLER, 2016, p. 209).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da pesquisa compôs-se de três etapas, sendo a primeira, estudos da fundamentação teórica, na qual houve a busca de autores que abordam a Bíblia enquanto Literatura, a dominação masculina e da virgindade ser honra para a mulher e não para o homem.

Quanto à Bíblia, vimos que é possível percebê-la para além das interpretações religiosas, tomaram rumo para um olhar acadêmico, o qual foi embasado em uma análise de contexto das categorias e das disciplinas da literatura, não mais religioso. Se tratando da questão de dominação masculina, é um pensamento que surge na sociedade grega e na romana, nelas o pai era responsável por guardar a virgindade da filha, visto que a virgindade era um *status* para as mulheres receberem mensagens divinas, uma moeda de troca na negociação do dote; além disso, desposar uma virgem, para o homem, era assegurar a autenticidade de sua progenitura e perpetuar sua linhagem; somado a isso, os pais incentivavam cedo a vida sexual dos seus filhos, pois tal prática confirmava a virilidade máscula. Já a mulher devia se guardar, essa atitude assegurava sua dignidade e pureza, por isso a virgindade ser honra para a mulher e não para o homem.

Na segunda, houve o levantamento do tema virgindade e violação na Bíblia e na Literatura Brasileira, como era visto no cenário social bíblico e brasileiro, pois as mulheres que foram violadas na Bíblia, Dina e Tamar, assim como Lúcia, consideravam-se sem honra e sem virtude, posto que para a sociedade eram vistas dessa maneira. Já Iracema, sofreu consequências por ter se entregado ao homem que amava e “abandonado” o seu dever de ser casta e virgem.

Vimos o fato de a sociedade apresentar um paradigma que o homem deve provar a sua virilidade a todo custo e instante, conduzindo-o a tomar atitudes violentas contra as mulheres. Modificando os papéis, caso seja a mulher, é considerada impura e imoral, sua boa fama está em ser virgem.

Na terceira, fez-se o estudo comparado e residual da visão sobre a mulher da sociedade bíblica a partir dos episódios de Dina e Tamar para construção da mentalidade na visão da sociedade medieval, na sociedade moderna e contemporânea com *Lucíola* e *Iracema*, aferindo como esse resíduo tem permanecido de geração em geração; visto que apesar das histórias dessas mulheres estarem em épocas bem distantes e diferentes, pois as duas primeiras pertencem à Era antes de Cristo e as duas últimas ao século XIX, é possível afirmar que a mentalidade sobre a virgindade e violação feminina é semelhante.

Logo, este texto está orientado a partir da noção de residualidade literária e cultural que, segundo Pontes, não objetiva apenas descobrir a origem de uma manifestação cultural, de uma característica literária, mas analisar comparativamente as relações entre os tempos, os espaços, as culturas e os períodos literários. Por isso, fez-se necessário o estudo comparado e residual entre as mulheres alencarianas “*Iracema e Lúcia*” e as mulheres bíblicas “*Dina e Tamar*”.

É possível perceber que é um resíduo que perpassa gerações até os nossos dias. É só olhar os noticiários do leilão da virgindade, observar a atitude de um homem quando a mulher se declara virgem e, também, quando se declara não virgem, analisar as respostas que eles dão quando questionados a respeito de não se guardarem para o casamento.

Logo, fica a reflexão: Guardar-se até o casamento ainda deve ser somente uma obrigação para a mulher? Por que não deve ser para o homem também?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento (tradução de João Ferreira de Almeida), 2ª edição revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ALENCAR, José Martiniano de. **Iracema**. Rio de Janeiro: Dicopel, 1977.

ALENCAR, José Martiniano de. **Lucíola**. Rio de Janeiro: Dicopel, 1977.

AMARAL, Jéssica Fortunata do. **O Casamento na Idade Média:** a concepção de matrimônio no Livro da Intenção (c.1283) e nos exempla do Livro das Maravilhas (1288-1289), do filósofo Ramon Llull. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/historia/Artigos/i_media/PDF/casamento_i_media.pdf. Acesso: 28, mar., 2017.

BURITI, Iranilson. **Corpo Feminino em Detalhes:** Honra e modernidade no Brasil dos anos 20 (século XX). Disponível em: periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/16435. Acesso: 28, mar., 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A Formação da Literatura Brasileira:** momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2009.

KNIBIEHLER, Yvonne. **História da virgindade.** São Paulo: Editora Contexto, 2016.

LAVRADOR, Benvinda. **História e criação literária em Yara, a Virgem da Babilônia.** *Revista Língua & Literatura*, FW, v. 16, n. 26, p. 1-227, agosto de 2014. Disponível em <revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/1249/1745>. Acesso: 28, mar., 2017.

LEAL, Raphael; CABRAL, Flávio. **Religião e Sexo: Do controle da idade média e sua herança na contemporaneidade.** Disponível em <www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/4Col-p.572.pdf>. Acesso: 28, mar., 2017.

LIMA, Anderson de Oliveira. **A Bíblia como Literatura no Brasil:** História e análise de novas práticas de leitura bíblica. Disponível em <https://www.academia.edu/19105011/TESE_-_A_B%3%8DBLIA_COMO_LITERATURA_NO_BRASIL_HIST%3%93RIA_E_AN%3%81LISE_DE_NOVAS_PR%3%81TICAS_DE_LEITURA_B%3%8DBLICA>. Acesso: 04, abr., 2017.

MATOS, Paulo Roberto; ABRANTES, Elizabeth Sousa. **Virgindade: uma questão de honra.** Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364956727_ARQUIVO_ArtigoPauloAnpuh2013doc.pdf. Acesso: 08, nov., 2017.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso: 10, nov., 2017.

NOKAV, Maria da Glória; NERI, Maria Luiza. **Poesia Lírica Latina.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PONTES, Roberto. **Três casos de metamorfose residual para além da alegoria popular em verso.** *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. v. 7, n. 1, p. 52-64, jan./jun, 2011.

_____. **Entrevista sobre a Teoria da Residualidade**, com Roberto Pontes, concedida a Rubenita Moreira, em 05/06/2006. Fortaleza: (mimeografado), 2006.

SOUZA, Jair Gomes de. **Iracema, Aurélia e Lucíola: Amor e honra no perfil moral e social feminino das personagens alencarianas.** Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/viewFile/1249/1745>. Acesso: 26, mar., 2017.